

PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC) EM TERRITÓRIOS CAMPONESES: DA COLETA À CONSOLIDAÇÃO EM SISTEMAS PRODUTIVOS

HARIANI NUNES KRACK¹; MARCOS MATEUS RODRIGUES DA SILVA²; THALIA NUNES KRACK³; JAQUELINE DURIGON⁴; CARLOS ALBERTO SEIFERT JR.⁵

¹*Mestranda no programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção da Agricultura Familiar (PPGSPAF - UFPEL) krack_hari@outlook.com*

²*Graduando em agroecologia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)*

³*Tecnóloga em Marketing voluntária no projeto de extensão Popularizando o Uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCPOP) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus São Lourenço do Sul, contato.thaliakrack@gmail.com*

^{4;5}*Professores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus São Lourenço do Sul, RS, jaquelinedurigon@gmail.com casirjaja@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A chamada Revolução Verde, a partir da década de 1960, promoveu a difusão de tecnologias agrícolas baseadas na mecanização, no uso intensivo de insumos químicos e na homogeneização produtiva (ZAMBENEDETTI et al., 2021). Embora esse processo tenha elevado os índices de produtividade, também contribuiu para a erosão da biodiversidade, a dependência tecnológica e o aprofundamento das desigualdades no campo (ALTIERI, 2012; SHIVA, 2003). Em contraposição, à agricultura familiar de base camponesa manteve práticas diversificadas, articuladas a saberes tradicionais e a formas de reciprocidade e cooperação (SABOURIN, 2011; PLOEG, 2016).

Nesse contexto, as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) despontam como alternativa estratégica para a diversificação da produção, a valorização da biodiversidade e o fortalecimento da soberania alimentar. Definidas por Kinupp e Lorenzi (2014) como espécies ou partes de plantas com potencial alimentício pouco explorado nos sistemas convencionais, as PANC aliam rusticidade, valor nutricional e adaptação às condições locais.

O uso das PANC ocorre majoritariamente do extrativismo ao invés de áreas de cultivos, o que evidencia uma lacuna de investigação e de promoção dessas espécies. Este trabalho deriva de projeto de mestrado em andamento, que tem como foco compreender e evidenciar práticas, percepções e desafios relacionados à incorporação das PANC em Unidades de Produção Camponesas (UPCs). São apresentados resultados iniciais das análises que tratam da inserção de hortaliças não convencionais em duas UPCs, o diálogo entre saberes tradicionais e técnicos inerentes a esse processo. A promoção do cultivo de PANC busca fortalecer a oferta dessas plantas, para que possam abranger os centros urbanos, mantendo a regularidade e a quantidade de plantas ofertadas, corroborando na popularização, facilitando o acesso da população a alimentos diversos e saudáveis. Afinal, a promoção de áreas de cultivo dessas espécies, apresentam amplo potencial para geração de renda das famílias camponesas, e auxiliam na construção de sistemas e plantio biodiversos.

2. METODOLOGIA

O estudo adota abordagem qualitativa, fundamentada em metodologias participativas (ALTIERI, 2012; FREIRE, 1987), que valorizam o protagonismo dos sujeitos na construção do conhecimento. O estudo está sendo realizado em parceria com famílias vinculadas ao projeto de extensão PANCPOP, no município de São Lourenço do Sul/RS, espaço onde já se consolidaram práticas de identificação e uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC).

Neste processo, está sendo realizado um levantamento bibliográfico e documental sobre as relações entre campesinato e PANC, com base em autores como Sabourin (2011), Ploeg (2016) e Kinupp e Lorenzi (2014), de forma a sustentar o marco teórico da pesquisa.

Além disso, a observação participante (MINAYO, 2012) vem sendo empregada em atividades cotidianas das famílias e em espaços de comercialização, como feiras livres, mutirões de plantio e manejo, possibilitando acompanhar diretamente o manejo, o uso e as dinâmicas de circulação das PANC. Conjuntamente na pesquisa utiliza-se a observação espontânea, entendida como o registro livre e não sistematizado de acontecimentos e interações do cotidiano, permitindo uma aproximação inicial com a realidade estudada e a identificação de elementos relevantes ao problema de pesquisa (GIL, 2008). Os registros obtidos a partir dessas etapas estão sendo sistematizados e analisados com base na técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), buscando identificar categorias, significados e padrões que revelam a relevância das PANC para a agricultura camponesa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os levantamentos iniciais evidenciam que agricultores(as) camponeses(as) vinculados ao PANCPOP vêm articulando saberes tradicionais e conhecimentos técnicos no manejo e uso das PANC. Essa confluência se expressa tanto no reconhecimento e ressignificação de espécies já presentes em áreas de extrativismo, que o projeto busca colaborar na compreensão de forma mais ampla graças através de suas ações, quanto no resgate de plantas que retornam ao cotidiano a partir da oralidade e da memória comunitária. Assim, o aprendizado construído não se limita ao uso prático das espécies, mas fortalece a identidade camponesa e amplia a valorização da agrobiodiversidade. Desta forma, o conhecimento sobre as PANC revela-se não apenas como informação técnica sobre o manejo das plantas, mas também como expressão de identidade cultural, de resistência camponesa e de afirmação de modos de vida que se contrapõem à padronização agrícola imposta pela lógica da Revolução Verde. Essas plantas são percebidas não apenas como alimento, mas também como recurso de manejo agroecológico, associadas à fertilidade do solo, à atração de polinizadores e à resistência a pragas (DURIGON; SEIFERT, 2023).

Entretanto, a inserção das PANC em cultivos ainda enfrenta desafios, como: falta de conhecimento técnico e institucional; limitações no acesso a mercados; falta de sucessão familiar no campo. Por outro lado, os agricultores e agricultoras identificam oportunidades ligadas à diversificação da renda, ao fortalecimento da autonomia produtiva e ao resgate cultural. Esse diálogo entre práticas camponesas e orientações técnicas, mediado por projetos de extensão, se mostra central para a popularização e consolidação das PANC nos sistemas produtivos locais.

Entre os agricultores(as) acompanhados, eram coletadas PANC de crescimento espontâneo, presentes nas hortas e na lavoura, entretanto essas plantas começam a ganhar espaço em cultivos planejados, especialmente a partir das ações extensionistas do projeto PANCPop. Esse movimento demonstra que o processo de revalorização das PANC envolve tanto o resgate de saberes tradicionais quanto a incorporação de práticas experimentais de cultivo, onde o conhecimento técnico-científico é adaptado às condições locais e às experiências acumuladas pelas famílias. Essa dinâmica confirma a perspectiva de Altieri (2012), segundo a qual a agroecologia só se torna efetiva quando articulada ao saber popular, em um processo de troca horizontal.

A análise preliminar também revela desafios importantes: os (as) agricultores(as) relatam a dificuldade de inserir as PANC em circuitos de comercialização convencionais devido ao desconhecimento dos consumidores e à falta de reconhecimento dessas espécies como alimentos de valor. Soma-se a isso a ausência de políticas públicas específicas que apoiam o cultivo e a comercialização de PANC, o que limita seu potencial de contribuir para a renda e a soberania alimentar. Além disso, persiste o estigma cultural que associa essas plantas à “alimentação de pobreza”, reforçando desigualdades históricas no campo e na mesa (Shiva, 2003; Martins, 1981).

Por outro lado, experiências locais demonstram que a popularização das PANC pode transformar essas barreiras em oportunidades. Oficinas culinárias, feiras agroecológicas e materiais didáticos têm aproximado consumidores urbanos do universo camponês, ressignificando essas plantas como símbolos de saúde, diversidade e sustentabilidade. Assim, os resultados indicam que as PANC não devem ser analisadas apenas como recursos alimentares subutilizados, mas como parte de uma disputa simbólica e política pelo reconhecimento de sistemas agroalimentares mais justos, diversos e soberanos.

4. CONCLUSÕES

A investigação reforça que as PANC representam mais do que alternativas alimentares: são expressões de resistência cultural, de conservação da sociobiodiversidade e de construção e fortalecimento da autonomia camponesa. A análise preliminar indica que a valorização dessas espécies exige tanto o reconhecimento dos saberes tradicionais quanto o fortalecimento de políticas públicas de incentivo à sociobiodiversidade. O estudo, ao dar visibilidade a experiências da agricultura camponesa, pretende contribuir para o debate sobre soberania alimentar, agroecologia e campesinato no Brasil.

Além disso, observou-se que as famílias agricultoras têm agregado novos aprendizados às práticas de cultivo e uso das PANC. Esse movimento se expressa, por exemplo, na adaptação de técnicas de plantio às condições locais de solo e clima, no cuidado com a seleção de sementes e mudas para garantir qualidade e diversidade, e no desenvolvimento de estratégias de armazenamento que combinam tecnologias-sociais camponesas com orientações técnicas oriundas das ações extensionistas. A troca de experiências em mutirões, feiras e encontros comunitários tem potencializado esse processo, resultando em sistemas produtivos mais diversificados e em maior autonomia camponesa, reafirmando as PANC como parte essencial da sociobiodiversidade e da soberania alimentar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável**. Expressão Popular, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e o seu lugar no processo político**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

POLEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e a arte da agricultura: um manifesto Chayanoviano**. 1. ed. São Paulo; Porto Alegre: Editora Unesp; Editora UFRGS, 2016.

SABOURIN, Eric. **Sociedades e organizações camponesas: uma leitura através da reciprocidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

ZAMBENEDETTI, Lidiane et al. **Revolução Verde: história e impactos no desenvolvimento agrícola**. 1. ed. Guarujá, SP: Científica Digital, 2021.

Artigo

BARBOSA, P. et al. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) como estratégia de segurança alimentar: estudo de caso em assentamentos. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, 2023.

RAUBER, M.; LEANDRINI, F.; FRANZENER, G. PANC em redes agroecológicas: etnobotânica e soberania alimentar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 16, n. 2, 2021.

Resumo de Evento

DURIGON, Jaqueline; SEIFERT, Carlos Alberto. **Caminhos para diversidade e soberania alimentar: A contribuição das Plantas Alimentícias Não Convencionais**. CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA. Revista Arqueologia Pública. Acesso em setembro de 2024.